

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad braziium  
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

**SUMMARIO:** — *Carta de Leão XIII ao Em.<sup>mo</sup> Cardeal Rampolla.* — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã (XII—A devoção do velho)*, pelo rev.<sup>mo</sup> sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; *A Cruz*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Barbosa Gama. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.<sup>mo</sup> sr. Paulo João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *A Religião e a decadencia das nações*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Placido de Vasconcellos Maya; *Palarras I* pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Dom Antonio d'Almeida; *A verdadeira Bernadette de Lourdes* (cartas do Mons. Ricard ao sr. Emilio Zola) traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre legitimação.* — SECÇÃO LITTERARIA: *Aos moralistas*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Alves d'Almeida; *Um impossivel*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Alves d'Almeida; *No deserto*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Alves d'Almeida; *O Frade na sociedade*, pelo rev.<sup>mo</sup> sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: pela redacção. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Iniciação da Sublime Escoceza*; *A festa de todos os santos*, pela redacção.

**GRAVURAS:** *Iniciação da Sublime Escoceza*; *A festa de todos os santos*.



INICIAÇÃO DA SUBLIME ESCOCEZA



CARTA  
DE  
**LEÃO XIII**  
AO EM.<sup>mo</sup> CARDEAL RAMPOLLA

*A Monsenhor Cardinal Rampolla  
del Tindaro, Nosso Secretario  
d'Estudo.*

As insolitas manifestações politicas, cujos echos apenas acabam d'extinguir-se nas ruas da cidade, levam-Nos a dirigir-vos sobre este assumpto algumas palavras, não tanto para desabafar as tristezas da Nossa alma, como para fazer visivel a gravidade do facto e as intenções que o inspiraram.

Em verdade parecia-Nos que em razão do sentimento de humanidade e de decencia, que subsiste até nos espiritos excitados pela paixão, Nós podiamos esperar algumas considerações para com a Nossa idade.

Mas, pelo contrario, procedeu-se rudemente a ponto de quasi Nos fazerem testemunha immediata da apotheose da revolução italiana e do despojo da Santa Sé, que foi a consequencia.

Familiarisados por graça de Deus com o soffrimento e o perdão, esquecemos a affronta feita á Nossa pessoa, com tanta maior razão, quanto que para suavisar a Nossa presente amargura, vimos manifestar-se espontaneamente a piedade das nações catholicas, assignalando-se entre ellas a Italia com protestos generosos e provas muito preciosas d'affecto.

Mas o que Nos commove e afflige é a solemnidade da offensa aos direitos da Sé Apostolica, e a intenção manifesta de perpetuar em vez de apaziguar um conflicto cujos desastrosos effeitos ninguem pôde calcular.

A gravidade do facto, evidente por si mesma, põe-se ainda mais clara com os propósitos dos seus promotores e dos que o exaltaram; glorificaram como se viu o acontecimento de 1870; tiveram por fim, primeiro que tudo, assegurar os fructos da conquista e fazer entender á Italia e ao mundo que o

Pontifice, em tanto que d'elles dependa, deve resignar-se d'aqui em diante a um captiveiro sem esperanza de liberdade.

E isto não é tudo. Queriam tambem dar um passo para um ideal essencialmente anti-religioso. Com effeito, o fim supremo da occupação de Roma, não dizemos no espirito de todos os que n'ella cooperaram, mas sim nas vistas dos sectarios que foram os primeiros promotores, não se conseguiu pelo menos inteiramente com a consummação da unidade politica. Não; esse acto de violencia que não tem exemplo na historia, deve nos decretos da seita servir de meio e ser o prelude de seria empreza mais tenebrosa. Se se estendeu a mão para derrubar os muros da metropole civil, foi para melhor bater em brecha a cidade sacerdotal; e para chegar a atacar de perto o poder espiritual dos Papas, começou-se por abater as muralhas terrestres.

Em summa, quando se impozeram ao povo romano, que permanecera fiel ao seu Soberano até ao ultimo momento, resistindo vigorosamente a poderosas e incessantes sollicitações vindas de fóra, alimentavam o projecto bem premeditado de mudar os destinos da cidade privilegiada, de a transformar, de a converter em pagã, do que na sua gyria se chamou a *terceira Roma*, de onde irradiaria a civilisação.

Effectivamente, todos os meios se empregaram e se empregam, mais do que de fóra parece, para realisar aquelle funesto designio. Ha já vinte e cinco annos que Roma vê em volta de si, senhores do terreno, os adversarios das instituições e das creenças christãs. Vê diffundidas as doutrinas mais preversas; menosprezados impunemente a pessoa e o ministerio do Vigario de Jesus Christo; o livre pensamento em frente do dogma catholico, e o assento da franc-maçonnaria contra a Séde de Pedro. E foi precisamente a este conjuncto nefasto d'ideias e de factos que se pretendeu recentemente dar certo aspecto de direito e d'estabilidade com o sello d'uma nova lei e a celebração de manifestações ruidosas dirigidas abertamente pela seita inimiga de Deus. Póde a isto chamar-se o triumpho da causa italiana? Não é antes o adyento da apostasia?

A justiça está certa do triumpho final, assim como Roma da immutabilidade dos seus altos destinos; mas entretanto, aquella encontra-se menosprezada e estes acham obstaculo na conspiração de associações perversas e na obra dos que as favorecem.

E que beneficio colhe d'isto a nação? A conquista de Roma foi preconizada aos olhos dos povos da Italia como aurora de salvação e penhor de prosperidade futura. Não trataremos d'indagar se os acontecimentos corres-

pondem á promessa no que se refere aos interesses materiaes; mas é evidente que, realisada aquella conquista, ella dividiu moralmente a Italia em vez de a unir. E' um facto innegavel que durante este tempo teem ido aumentando em audacia as desordens de toda a especie, teem-se alastrado á sombra do direito publico a corrupção dos costumes e o enfraquecimento da fé religiosa, que é a sua consequencia, e hão-se multiplicado as prevaricações das leis humanas e divinas; teem-se visto crescer em numero e em forças os partidos extremos e agitar-se as multidões que se conjuram para destruir até aos alicerces a ordem civil e moral.

Em meio d'estes males, sempre em augmento, vê-se, longe de diminuir, ser cada vez mais violenta a guerra declarada á Egreja, particularmente ao seu Chefe visivel, o qual foi despojado do poder civil e junctamente da autonomia, não menos conveniente á dignidade do Pontifice que necessaria para a liberdade do ministerio apostolico.—E recorre-se vãmente a expedientes legislativos.

Nenhuma disposição juridica poderá jámais conferir a verdadeira independencia sem uma jurisdicção territorial. A situação que elles affirmam haver-Nos garantido, não é a que se Nos deve e Nos é necessaria; não é a de uma independencia effectiva, senão apparente e ephemera, porque está subordinada ao capricho d'outro. Esta forma d'independencia, quem a deu pôde tiral-a; foi decretada hontem, e amanhã pôde supprimir-se. Não acabamos de ver, n'estes mesmos dias, pedir-se d'um lado e dar-se a entender d'outro d'um modo ameaçador, a derogação das pretendidas garantias pontificias?

Mas nem as ameaças, nem os sophismas, nem as inconvenientes accusações d'ambição pessoal conseguirão que em Nós emudeça a voz do dever.

Qual é e qual deva ser a verdadeira garantia da independencia pontificia, com tempo se pôde ver desde que o primeiro Cesar christão decidiu trasladar para Bisancio a séde do imperio. Desde então até ás edades mais proximas de nós, nunca nenhum dos que teem sido arbitros dos destinos da Italia fixou a sua séde em Roma. Assim teve nascimento e vida o Estado da Egreja, não por obra do fanatismo, mas por disposição da Providencia, reconhecendo-se n'elle os melhores titulos capazes de legitimar a posse d'uma soberania, isto é, o amor e agradecimento dos povos enriquecidos de beneficios, o direito das gentes, o assentimento espontaneo da sociedade civil e o suffragio dos seculos. Na mão dos Pontifices o sceptro não foi nunca um estorvo ao baculo pastoral.

Aquelles Pontifices, Nossos predecessores, que brilharam pela santidade da sua vida e seu zelo admiravel, empunhavam o sceptro, com effeito. Foram frequentemente os chamados para terminar os litigios mais difficeis, e os que oppozeram victoriosamente a sua vontade inquebrantavel aos caprichos exorbitantes dos poderosos; foram elles que em circumstancias perigosas salvaram na Italia o thesouro da fé, que propagaram do Oriente ao Occidente a luz da civilisação christã e os beneficios da redempção.

E se hoje, apesar das condições difficeis e duras, o Pontificado prosegue a sua vida em meio do respeito das nações, não se attribua á ausencia d'esse auxiliar humano, mas sim em realidade á assistencia da graça celestial, que não falta nunca ao Soberano Pontificado. Poderá dizer-se que os maravilhosos progressos da Igreja adolescente foram obra das perseguições imperiaes?

Desejariamos que estas verdades fossem melhor comprehendidas pelo senso pratico dos italianos. Não fallamos d'aquelles que se extraviaram com falsas doutrinas ou estão acorrentados com as ligaduras das seitas, mas aquelles que, estando emancipados d'esses laços e não querendo ser cegos adeptos d'essas doutrinas, deixaram obscurecer o espirito com a paixão politica.

Oxalá comprehendam quão pernicioso e insensato é ir de encontro a verdadeiros designios da Providencia e obstinar-se em um desaccordo que não aproveita senão ás agitações de facciosos muito audazes, e mais ainda aos inimigos do nome christão.

Foi para a nossa peninsula especialissimo privilegio e grande honra haver sido escolhida entre mil para conservar a Sede Apostolica, e todas as paginas da sua historia attestam a abundancia de bens e o augmento de gloria, provenientes da fonte, da solididade immediata do Pontificado Romano. Debilitar-se-há a efficacia da acção do Pontificado Romano ou transformar-se-ha o seu character?

As cousas humanas mudam, mas a virtude benfeitora do magisterio supremo da Igreja vem do alto e permanece sempre o mesmo.

Acrescente-se a isto que, estabelecido para durar tanto como os seculos, segue com vigilancia cheia d'amor a marcha da humanidade, e não regeita, como pretendem falsamente os seus detractores, accomodar-se na medida do possivel ás necessidades razoaveis dos tempos.

Se os italianos nos prestassem ouvidos doces, e se apoiassem nas tradições dos antepassados e na conveniencia dos seus verdadeiros interesses

para sacudirem o jugo maçonico, Nós abriremos a Nossa alma ás mais fagueiras esperanças quanto á Patria italiana, que amamos ternissimamente.

Mas succedendo o contrario, doloroso Nos é dizel-o, não podemos persagiar senão novos perigos e maiores ruinas.

Com a effusão d'um particular affecto vos damos, senhor Cardeal, a benção apostolica.

No Vaticano a 8 d'outubro de 1895,

LEÃO XIII, PAPA.

## SECÇÃO DOCTRINAL

### A Milicia Christã

#### XII

##### A DEVOÇÃO DO VELHO

**T**ORNAM-SE as cãs venerandas, não pela cõr branca com que a neve da velhice invernossa cobre a cabelleira do pohra velho, se o furacão dos annos lhe não limpou o cabello e o deixou careca, mas porque indicam ou devem indicar a longa jornada que o velho leva feita com trabalho no caminho da virtude, do sacrificio, da abnegação, do jejum, da oração e da formosa caridade.

Indica essa cõr nos cabellos que se apagaram n'elle as chammas das paixões e que a sua alma deve viver embalada nos costumes candidos d'uma nova infancia.

Indica que os que os teem d'essa cõr deverá ir preparando com o maior esmero o branco traje nupcial com que muito breve ha de comparecer á mesa do convivio que o unico gran Senhor tem preparado para o grande dia da eternidade.

Não são as cãs as que tornarão venerando o velho, mas as virtudes que, sazoadas no verão da virilidade, deve recolher maduras no outono da velhice para se consolar no inverno da idade decrepita, quando já não possa mais trabalhar, acabrunhado com o peso dos annos e das doenças a elles annexas, quando veja que muitas das flores da primaveral juventude foram esfolhadas pela loucura dos ventos da presumpção, crestadas pelo ardor das paixões ou esterilizadas pela moleza do egoismo, e que uma immortalidade de venturas reclama de justiça uma certa immensidade de meritos.

Oh! então o velho trabalha para os conquistar e desejaria ir muito longe no caminho das boas obras; mas, a poucos passos, o peito arquejante mal lhe deixa tomar o ar necessario para a respiração, as pernas tremulas cansam-se

depressa, a vista já cansada lhe augmenta os perigos e as difficuldades da jornada.

Senta-se para tomar folego e vê que n'essa idade se torna temeraria a empreza e desiste.

Triste, medita que pouco pôde; mas ora e fica consolado.

Quando depois vê passar perante si o joven robusto ou o adulto vigoroso, lhes diz:—trabalhae que é tempo, aproveita e a manhã ou o dia da vida, não deixeis o serviço para estes crepusculos da tarde precursoras das sombras da noite, em que as forças faltam, os sustos sobejam, as pernas tremem, a cabeça pende e o peito arqueja.

Fazei agora o que mais tarde vos possa consolar e dar honra ás vossas cãs e vos abra um esperançoso horizonte lá na eternidade.

Eu apenas me sustento nas saudades do bem que não posso realizar.

Eis-me despido de toda a illusão terrena, passando estas contas, ouvindo, quando posso, missa, e pensando no eterno, porque vejo que o temporal me foge para nunca mais tornar.

Eis ahí a piedade do velho: faz o bem que pôde, e, saudoso, suspira pelo que em outra idade pôde fazer e não fez.

Oh! convencido como está do que é a vida, se lhe fosse dado tornar atraz, por outra fórma lavraria o seu campo, outras flores poria no seu jardim, com outros louros desejaria cingir a sua frente.

Não correria como tem pejo de ter corrido atraz de sombras que passam e vão perder-se na escuridão da noite; não buscaria glorias, que criam odios; nem thesouros que se perdem, ou cujo pezo esmaga e no fim se abandonam, nem correria atraz de sonhos, cuja realidade nunca chega: buscaria o unico que consola sempre, que sempre honra, no tempo vale e na eternidade reina. Dar gloria a Deus, seu creador e conservador no tempo e a sua unica esperança na eternidade.

E ahí tendes o piedoso velho lutando sem tregua contra as lembranças do passado e as fraquezas do presente, anheloso por conquistar o descanso no futuro.

Lucta pela paz, e como sabe que ella não se topa n'este hemispherio, decidido está a continuar lutando até tocar nos diques da eternidade, onde está promettida a felicidade por quem ás suas promessas nunca falta, aos que combatam o nobilissimo combate da justiça e da verdade.

Dr. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

## A CRUZ

QUEM não admira e não respeita esse symbolo sublime d'amor e de fé? Quem ao vê-la não sente n'alma um bafejo sublime de paz e de socego?

Se a vêmos na quebrada da serra, sósinha e triste ao abrigo de uma encosta, tendo por docel a aboboda do infinito e por ornamento o esverdeado musgo, não sentimos no coração uma tristeza intima de a vêmos assim tão pobre? Não é verdade esquecermos muitas vezes os nossos affazeres, para irmos, n'um impeto de amor, roubar ao campo as viçosas flôres, ou á encosta a tímida violeta, para n'um extase de crença formar um ramo que, satisfeitos, collocamos junto? Não será a Cruz o symbolo da fé?

Quando no labutar constante da vida, na lucta indomita das desgraças, no desejo ardente de melhor fortuna, no desejo titanico de felicidade, olhamos para a cruz, e sentimos em nós como que uma voz dizendo-nos: curva-te, e resa ante essa cruz immorttal e roga; abre o teu coração, desprende os labios, cinge a a teu peito; porque o que n'ella morreu abraçando o mundo, ha de abraçar-te tambem e fazer de ti — a teu pedido — um ente feliz, não no mundo da carne e da vaidade, mas sim na eterna habitação dos justos.

Não será a Cruz um symbolo d'esperança?

Quando outr'ora os guerreiros se armavam, cobrindo-se de ferro para a lucta; quando os povos acorriam em compactas multidões d'um a outro polo, não levavam nos seus estandartes, no coto das suas lanças, nos copos das suas espadas, não levavam como divisa, como escudo e como bandeira a sacrosanta Cruz de Jesus?

Quando o astro portuense da navegação portugueza, debruçado no promontorio de Sagres, via apagar-se lá no horisonte longinquo a ultima sombra das caravellas, via ainda sobre o mastareu o symbolo universal da Cruz de Christo.

Quando após longa jornada avistamos por entre o arvoredo o campanario da nossa egreja, não sentimos na alma um extase de amor, que nos attrae, que nos chama para a pequenina e granítica Cruz que lhe serve de docel?

Não nos lembra a Cruz em sua nudez a vida amargurada d'Aquelle que n'ella morreu?

Não sentimos um amor intimo e ardente por Aquelle que para nos fazer felizes, sobre ella exhalou o ultimo suspiro?

Não é a Cruz o symbolo do amor? E, sim, dizem-no as aves em seus

gorgeios, os campos nas miriades de flores que os esmaltam, os céos em seus fulgentes astros, as correntes no sublime crystal de suas aguas, e o coração humano em seus mais profundos soliloquios.

BARBOSA GAMA.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 196)

CCXXXIX

P. Claudio de Lingendes

QUEM não recordará o nome de Lingendes, que foi o primeiro orador do seu seculo, que escrevia os seus discursos em latim, para depois os recitar em francez; que trilhou o caminho de Bossuet, de Massillon e de Bourdaloue, e que pelos seus preceitos sobre a verdadeira eloquencia, pelos seus estudos sobre o Bello e o Sublime, muitas vezes serviu de guia aos dois notabilissimos oradores?

•Lingendes, na phrase d'um escriptor notavel, teve a honra insigne de ser o ultimo dos oradores latinos e o primeiro dos prégadores francezes.

Assim se exprime o sr. Silva Esteves no opusculo que está publicando com o titulo — *A questão dos Jesuítas*.

Seria isto sufficiente para se conhecer a superioridade do Jesuita Claudio de Lingendes; mas, segundo o nosso plano, devemos dar d'elle uma noticia mais circumstanciada.

Nasceu este distinctissimo orador sagrado (pois é n'esta qualidade que é mais conhecido) em Moulins (França), em 1591, entrando ainda joven na Companhia. Foi director do Collegio de Moulins, provincial da França e superior da casa professa de Paris.

Dedicando-se á carreira do pulpito, foi n'este ministerio que immortalizou o seu nome. O P. Lingendes fez epocha na França, creando a eloquencia sagrada, que no seu tempo estava algo descurada no clero regular e secular, apezar de terem havido já grandes oradores.

Reinava ainda nos discursos um estylo affectado, subtilezas, jogos de palavras, uma especie de *gongorismo*, quasi simillhante ao que se introduziu na Hespanha, e que foi combatido pelo P. João Francisco de Isla. Claudio de Lingendes procurou desterrar da cadeira evangelica este mau gosto. E conseguiu-o.

Foi ouvido com geral applauso, a ponto que muitos copiavam os seus sermões no tempo em que elle os pré-gava, e o tomavam como modelo.

Morreu em Paris, no anno de 1660, deixando, além de sermões, algumas obras de piedade, porque o P. Claudio de Lingendes era tão bom prégador como mestre espiritual.

CCXL

P. Antonio Guenard

Grande numero de Jesuitas cultivaram com profundidade o estudo da philosophia que se perde em abstracções, em theorias mais ou menos engenhosas, as mais das vezes estereis, sem resultado algum pratico. A philosophia moral, verdadeiramente christã, foi, e devia ser, a applicação de homens, cujo fim era a santificação propria e do proximo.

Todas as aspirações dos filhos de Santo Ignacio visavam á maior gloria de Deus.

Sobre este thema illustrou-se o P. Antonio Guenard, Jesuita francez, do seculo passado, nascido em Damblin (Lorena) a 25 de dezembro de 1726.

Occupava elle uma cadeira n'um Collegio da Companhia, quasi desconhecido, quando a Academia franceza propoz para premio de eloquencia a seguinte questão: *Em que consiste o espirito philosophico?*

Era isto em 1755, quando a impiedade, com o nome de philosophia, se propagava por toda a França e cada dia tomava maior incremento sob a direcção de Voltaire e outros sophistas, principalmente na famosa *Encyclopedia*.

O P. Guenard tinha então apenas a idade de 30 annos, e foi elle quem se apresentou a ganhar o premio proposto pela Academia, por um discurso em que magistralmente e eloquentemente definiu o espirito philosophico, mostrando os seus caracteres e os seus limites.

Este discurso foi geralmente applaudido; o proprio d'Alembert o elogiou, e La Harpe não pôde deixar de o considerar como uma obra primorosa e perfeita.

Guenard obteve o premio que lhe foi concedido, apezar das idéas irreligiosas que dominavam na Academia.

Em seguida este Jesuita escreveu uma obra de grandes dimensões para refutar os erros e sophismas da *Encyclopedia*; mas este trabalho, que era um monumento da sua erudição e da sua piedade, não chegou a publicar-se.

Extinguindo-se na França a Companhia de Jesus, e depois, sobrevindo a revolução e a perseguição ao clero, o Jesuita Guenard refugiou-se perto de

Nancy, no castello de Madame de Brauvau, que ali lhe offereceu asylo. Para não comprometter os dias d'esta se-hora, Guenard queimou o seu precioso manuscrito.

Este Jesuita reunia a variados conhecimentos uma piedade fervorosa e sincera. Falleceu em 1806.

(Continúa)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

## SECÇÃO CRITICA

### A religião e a decadencia das nações

**U**M facto constante na vida dos povos, que constitue uma lei historica, a saber: a prosperidade, o poder e o bem estar social estão na razão directa do temor de Deus e das crenças religiosas d'esse povo.

Um outro facto igualmente constante no regimen social, é que a decadencia das nações vae progredindo na proporção que as doutrinas inventadas pelos sophistas e pelos litteratos vão substituindo no governo dos povos as tradições do genero humano e os principios do Decalogo. E' assim como fala a historia e é assim como o affirma o estudo e observação dos factos á luz da critica sensata e conscienciosa, feita por espiritos rectos e despreocupados. Bastam estas simples observações para derrocar pelos fundamentos toda essa doutrina que constitue o credo revolucionario, o qual tem por fim substituir o temor de Deus pela adoração da *dousa Razão*, e os preceitos do Decalogo eterno por principios da sua invenção. E' igualmente um facto constante na historia da humanidade que o scepticismo invade periodicamente as sociedades e na proporção que ellas vão enriquecendo; facto que alguns escriptores modernos, taes como Maistre, Balme e outros attribuem ao *demonio*, que desenvolve á vontade os germens do mal. Porém S. Bernardo e Bossuet dão a este proposito explicações mais profundas. Ensinam estes grandes sabios, e homens prudentes, que o erro dimana das individualidades perversas; e que, para se tornar contagioso, é necessario que as classes dirigentes e o clero sejam coniventes com elle, e dêem mau exemplo.

A verdade d'esta doutrina é confirmada pela historia dos tres ultimos seculos e pela historia contemporanea. Manda a verdade que se diga: a classe dirigente da nossa sociedade tem sido prodiga em maus exemplos e o clero tambem apresenta bastantes exemplares d'ovelhas tinhas da peor especie: isto vae ditando a ciencia para ninguém;

pois nós respeitamos a todos e desculpamos-lhes as fraquezas ou defeitos, para que nos desculpem as nossas faltas, que são muitas e graves. E' uma grande e profunda verdade que todos nós, seculares ou ecclesiasticos, temos as nossas responsabilidades mais ou menos graves no estado decadente da sociedade actual. O clero não se exime d'esta responsabilidade; pois, se metter a mão na consciencia, deve confessar que no seu seio germinam as más paixões, que nem todos sabem dominar, que d'ahi partem escandalos de gravidade; que ha padres que se envergonham de pertencer á classe usando de todos os artificios para se disfarçarem em janotas de *primo cartello*, que ha exemplares immodestos, soberbos, ambiciosos, vaidosos e *tuti quanti*. . . Ha pregadorsinho que vae para o pulpito fazer idyllios, cantando as flores silvestres e os vergeis, descrevendo com côres vivas as scenas campestres, o chilrear das aves, o murmuro das fontes, o ciciar da briza, a frescura dos prados, o serpentear dos arroios, e outras que taes frioleiras. . . A nós parece-nos, salvo o devido respeito, que a missão do pregador é muito outra: desejamos, primeiramente, que o orador sagrado se impozesse ao auditorio pela auctoridade das suas virtudes e do seu saber, e em seguida que, nas suas orações ou discursos, empregasse sempre uma linguagem, correcta sim, mas clara e ao alcance dos mais ignorantes de seus ouvintes, que ensinasse exclusivamente a doutrina do Evangelho, das Escripturas e dos Santos Padres, explicando-a com toda a clareza e simplicidade, sem tropos nem figuras, para assim doutrinar o rebanho de Jesus Christo. O melhor serviço que o Padre poderia prestar á Religião e ao Estado seria pregar com o seu bom exemplo: esta é que é a verdadeira pregação.

Ao concluir, diremos que por maiores que sejam os nossos soffrimentos e por maior que seja a nossa decadencia, está na nossa mão o sermos arbitros dos destinos de nossos filhos. Este destino será grande se nós soubermos voltar aos bons principios de nossos avós dos tempos prosperos, e seguir os exemplos das nações modelos da actualidade. Todo o segredo está na observancia da lei de Deus; pratique-se esta e a patria está salva.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAYA.

### Palavras!

**E**M todos os seculos scrim cuidadas as palavras, mas n'este seculo é tanto o palavrório e de palavras escu-

sadas que bem pôde dizer-se d'elle que as palavras nunca foram tantas como agora e quando ha tantas palavras e tão pouca palavra.

Das palavras escusadas ha contas a dar a Deus! Das palavras hodiernas ha tanto desconceito que hoje se ouve de continuo a phrase: palavra d'honra, como temendo-se de continuo não ser acreditado, e quantas vezes não será de honra e valor aquella phrase! (Que boas condições as da sociedade quando a palavra era tida como uma escriptura, e se dizia: basta palavra!

Muitas combinações e muitos contractos foram então feitos sob palavra, sendo esta só por si a segurança do combinado.

A palavra tinha uma tal importancia que gosava das honras magestáticas, pois que d'ella se dizia: palavra de rei.

O homem de palavra foi substituido na sociedade moderna pelo homem sem palavra por força do modernismo; este entendeu que para os seus fins a mentira lhe era auxilio e que a palavra mentirosa podia servir seus intentos, e em cheio e sem excepção tornar em practica, e á traição, aquella sentença: *Omnis homo mendax!* Faltando consciencia como pôde haver honra? A sociedade actual está podre por sua immoralidade, embora sua demão de verniz e seu galvanismo de pouca dura, e só tem consciencia ou antes conhecimento de seus vis interesses; assim não ha n'ella honra, não ha n'ella direitos a que se lhe tributem honras, e quem lh'as tributasse deshonorar-se-ia a si proprio; isto é analyse de rigorosa verdadeira philosophia.

Palavra! a modernissima é palavra que lava ruina! A palavra de Deus é a fonte por essencia e ensino divino de toda a palavra verdadeira e verdadeiramente honrada! D'aqui não ha fugir, e quem ousar querer fugir terá as pernas quebradas, phrase esta que por figura ousamos, mas que aponta desgraça da maior gravidade e ruina para o homem!

Maldito modernismo, que trouxe e está continuando a fazer tanto mal e o fará ainda emquanto durar sua influencia cada vez mais pernicioso; temos dito e dizemos que modernismo não quer dizer tudo que é moderno, mas sim a falsa theoria com seu falso sistema de procurar substituir os principios eternos por novos conceitos exclusivamente humanos *absente Deo* em seus pensares e desejos indifferentistas ou declaradamente impios!

A palavra foi dada por Deus aos homens, ao genero humano, para que este pela palavra o bendiga e louve, e para que tambem pela palavra os entes racionais se comuniquem e assim sir-

vam sempre o verdadeiro bem, e o verax bem proprio.

Houve um homem do qual se fallou no mundo e de quem melhor lhe fôra não se ter fallado de parte da sua vida, o qual disse: «a palavra é para encubrir e não para declarar o pensamento.»

Teve o bem de morrer, tal homem, pregando uma peya ao diabo, como foi dito d'elle depois da sua morte, *scilicet* morreu como catholico.

Alguns povos foram conceituados de falladores, de verbosos, sem escandalo; hoje escandalisa o hodierno verba, voces, *prætereaque nihil!*

É o Portugal á moda não fica atraz, sim nas muitas palavras e pouco ou nada feito de verdadeiro valor official, embora os devidos intervallos que satisfazem o paiz que seria todo por uma governação rasgadamente justa; o mal vem de traz, não nos parece que seja menos alguma boa vontade agora, mas ainda não vemos o prego fundo na roda! Pois é mister pregal-o e de modo que não salte.

A sentinella grita—álerta! o camarada responde—álerta está! e depois diz aquella—passe palavra! Eis o que devem seguir os que devidamente se interessam pela religião, e pela sociedade; deve ser um constante «álerta! álerta está! passe palavra!» pois que será palavra não escusada, mas sim autorisada ante o inimigo que busca de continuo atacar a verdade e enredar o homem para o perder seu remedio.

A palavra verdadeira tem um valor tal que o Apostolo diz: *Fides ex auditu*; e para que se ouça é mister que se falle.

Curvemo-nos ante a palavra de verdade que nunca será escusada!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

## A verdadeira Bernadette de Lourdes

POR

MONSENHOR RICARD. PRELADO DOMESTICO  
DE SUA SANTIDADE

Cartas ao snr. Zola

(Continuado de pag. 201)

X

O dr. Boissarie—O dr. Vergez—O caso de Clementina Trouvé—Porque eu sou fina!—Replica de Bernadette.

EX.<sup>a</sup> traçou um perfil pouco amavel do dr. Boissarie, a quem designou pelo nome de Bonamy. O bom doutor, que tem sido censurado pela maneira como acolheu a v. ex.<sup>a</sup>, merecia-lhe mais alguma consideração.

Realmente, o partido que v. ex.<sup>a</sup> tirou das suas explicações, justificaria essas queixas, se fosse permitido censurar alguém por ter seguido o conselho dos livros santos: «Procurae sempre vencer o mal pelo bem. *Vincere in bono malo*».

O snr. dr. Boissarie é um medico consciencioso e um sabio distincto. As citações d'elle, que acabo de fazer lêr ou reler a v. ex.<sup>a</sup>, bastariam para o provar. Em todo o caso servirão para despertar n'alguns espiritos sinceros o desejo de ler o seu admiravel livro. É nada mais desejo para o rehabilitar na opinião dos leitores de v. ex.<sup>a</sup> e para restabelecer a verdade alterada.

O snr. Zola quasi nada disse d'um outro grande medico, que eu citei muito incompletamente, e que devo pôr em mais evidencia.

O seu retrato figura nas janellas da Basilica: é o dr. Vergez.

No dia seguinte ao das aparições, era mister escolher um mestre d'uma competencia incontestavel e incontestada para proceder ao exame scientifico das curas.

Esse homem estava encontrado e apresentava todas as garantias desejadas.

Era um christão convicto, que tinha passado incolume através a atmosphera empestada das grandes cidades.

Tinhadado as suas provas de sciencia. Aos trinta annos, depois de brilhantes estudos, era-lhe dada em concurso uma cadeira na Faculdade de Montpellier. Como medico das aguas de Barèges, era tido em alta estima por todos os doentes que frequentavam aquella estação thermal.

Os seus compatriotas tinham-lhe confiado o mandato, que lhe renovaram muitas vezes depois, de defender os interesses do valle de Luz, junto da Assembleia Syndical e do Conselho Geral.

O dr. Vergez foi, pois, encarregado pelo snr. Bispo de Turbes de fazer a primeira investigação official sobre as curas. Como elle declara no seu relatório que temos á vista, «compenetrado da importancia d'esta missão», proceden «a esse exame com a unica preocupação de procurar a verdade e de a mostrar em toda a evidencia».

Depois de um consciencioso estudo, oito factos lhe pareceram offerecer um caracter sobrenatural. Cito uma passagem do seu trabalho.

«Lançando um olhar sobre esses oito factos, fica-se desde logo muitissimo impressionado pela faculdade, promptidão e instantaneidade com que resultam da sua causa productora; pela violação, pela subversão de todos os methodos therapeuticos que predomina na sua realisação; pelas contradicções que recebem os preceitos e as previsões da

sciencia; pelo desdem que fere a antiguidade, a profundeza e a resistencia do mal; e pelo cuidado com que todas as circumstancias são arranjadas e combinadas para mostrar que ha na cura que se opera um acontecimento contra a ordem da natureza. Taes phenomenos ultrapassam a alçada do espirito humano».

Para apreciar o alcance d'estas conclusões, é preciso lembrarmo-nos de que ellas tiveram um grande peso na consciencia do Bispo, quando elle affirmou, com plena segurança, em nome de Deus e da Egreja, a realidade divina das aparições.

O operario da primeira obra teria polido deixar a outros o cuidado de continuar a sua tarefa.

Todavia, até que as suas forças trahiram a sua boa vontade, proseguiu na verificação das curas em harmonia com a sciencia, velando com escrupulo para que nada fosse accete de duvidoso ou de incerto.

A 8 de setembro de 1886, comprehendendo que a sua missão estava acabada, resumiu as suas impressões de vinte e cinco annos n'uma carta que é, por assim dizer, o seu testamento. Eis ali o texto d'essa carta:

«Perguntam-me o que tenho visto em Lourdes. Duas palavras bastam para o dizer. Pelo exame dos factos mais authenticos, collocados fóra da alçada da sciencia e da arte, vi, toquei a obra divina, o milagre.

«Vi agua natural, dotada d'uma virtude contingente, superior ás forças de que póde dispôr a natureza, e d'uma divergencia d'acção absoluta. Essa agua, sempre a mesma, invariavel, vi-a produzir efeitos sobrenaturaes, muito differentes, sem analogia entre si.

«Arrancar um menino agonizante á morte; restituir a vista a um olho insensivel á luz em consequencia d'uma lesão traumatica profunda; restituir a plenitude dos movimentos a membros paralisados; curar uma ulcera chronica, espalhada, muito rebelde; taes teem sido as suas primarias operações.

«As que se teem seguido não são nem menos assombrosas nem menos concludentes. Algumas teem-se exercido sobre doencas reputadas incuraveis; a tísica no seu ultimo periodo; o cancro; a ataxia locomotora.

«A seara tem sido rica, abundante e de longa duração. Continua ainda executando-se sob a inspecção d'um sabio interprete, com residencia junto da Gruta. E' sempre o milagre passado ao estado de permanencia».

As zombarias de v. ex.<sup>a</sup> a proposito da cura instantanea de Clementina Trouvé, antes de serem trasladadas ao romance de v. ex.<sup>a</sup>, corriam já na imprensa livre pensadora.

Um escriptor de muito espirito, Guy de Pierrefeu, tinha notado essas zombarias. N'um bello livro, o *Triumpho de Lourdes*, atacou-as com tanta finura como coragem.

«Deixemos—diz Guy de Pierrefeu—fallar o snr. Zola.

Falando das chagas apparentes ao redactor do *Temps*, o snr. Zola acrescenta :

«A este respeito, citaram-me o caso d'uma menina chamada Clementina Trouvé, de Rouillée. Essa menina, que me foi apresentada, tinha uma carie dos ossos do calcanhar esquerdo com um principio de necrose. Antes da sua partida para Lourdes, um medico tinha certificado o seu estado; a ressecção do osso, que estava meio ruído, fôra julgada indispensavel. Chega a Lourdes. Que se passa ali? Mergulham-na n'uma das piscinas, em que se demorou durante dois minutos (é a duração ordinaria d'essas especies de banhos); retiram-na; a chaga suppurante tinha seccado subitamente; foi curada instantaneamente.

«—O snr. viu-a?

«—Ah! não, disseram-m'o. Isto passou-se o anno passado. Eu vi-a este anno: vi-a curada, mas não a vi doente. Mostrou-me o pé que está são: mas como estava o anno passado? Não sei, queria tel-o visto antes do banho.»

Este acontecimento parece-nos encerrar todos os caracteres que levam a nossa adhesão a um facto historico. A miraculada viu e affirma a sua cura. Tem por medico um livre pensador, que attesta a veracidade da sua narração, um medico que tratou d'ella durante a tal doença e que verificou a sua cura. Tem como testemunha toda a aldeia de Rouillée; e, coisa notavel, essa aldeia é *protestante*. Eis testemunhos numerosos e sobretudo desinteressados. Para negar scientificamente, seria necessario provar n'uma contra-prova fácil de fazer: primeiro, que Clementina Trouvé nunca tivera uma carie dos ossos; segundo, que o seu medico nunca verificou essa carie dos ossos; terceiro, que os habitantes protestantes de Rouillée nunca se convenceram d'essa doença e portanto d'essa cura.

Ah! Se a commissão parlamentar do Panamá tivesse inqueritos tão faceis de estabelecer, ha muito tempo que ella deixaria de enervar o paiz com as suas demoras escusadas!

Rouillée fica em Vienna, algumas horas de Paris. Eis uma viagem que eu não deixaria de fazer, se um francmação viesse declarar-me amanhã que um Ir. . . tinha sido miraculosamente curado d'uma carie dos ossos por um veneravel da Loja. O snr. Zola sabe tão bem como nós que os organisadores da peregrinação nacional não lhe apresen-

taramlevianamente Clementina Trouvé. Esperava-se que fizesse uma investigação em Rouillée; e essa investigação, que nós fizemos em seu lugar, tel-o-ia levado a ouvir a palavra que nos dirigia o maior livre pensador protestante d'essa cidade :

«Senhor, eu não creio em Deus nem no diabo, mas creio em Nossa Senhora de Lourdes, depois da cura de Clementina Trouvé.»

Tambem o snr. Zola, tendo manifestado desejos de acompanhar a Paris os doentes curados em Lourdes durante a peregrinação nacional, um Padre o convidou a ir a Rouillée para inquirir sobre o caso de Clementina Trouvé.

«Meu reverendo,—respondeu elle—por agora tenho viajado bastante e preciso voltar a minha casa.»

Esta desculpa não era séria; porque o snr. Zola poucos dias depois marchava para as encantadoras margens do Mediterraneo, onde ouvia, sem duvida, essa sublime apostrophe da Biblia, que enchia de admiração o frio talento de La Harpe e que lhe dizia que o caso de Clementina Trouvé não era mais extraordinario do que os milagres da natureza :

«Onde estavas tu quando eu lançava os fundamentos á terra? Dize-me, se o sabes. Dize-me, quem lhe regulou as dimensões e a superficie? Dize-me, quem cavou os abysmos do mar, quando eu lhe dei as nuvens por docel e por faxas as brumas sombrias? Dêste tu ordens ao dia e marcaste o seu lugar á aurora?»

Mas o livre pensamento, sempre indiscreto, não quer dei ar passar este incidente que o sr. Zola queria evitar. O redactor do *Temps* interroga-o sobre o que elle pensa ácerca do caso.

«—Clementina Trouvé, —diz elle—é uma rapariga muito sagaz, que conta o seu caso com a facilidade de quem o não recita pela primeira vez.»

«Snr. Zola,— me dizia ella— v. ex.<sup>a</sup> não acredita nos milagres, é um incredulo. Pedirei a Deus por si.

«—Como quizer, minha menina,—lhe respondi rindo-me—visto que isso me não pode fazer mal.»

O snr. Zola parece querer considerar como crime a sagacidade da menina. Isto faz-me lembrar o que se passa com a justiça para os accusados. Um accusado responde com segurança; não falta quem diga :

«Evidentemente está culpado, porque apresenta firmeza de mais para estar innocente.»

Um outro responde com reserva; ha logo quem declare:

«Evidentemente está culpado, porque apparenta muita timidez para ser innocente.»

Clementina Trouvé teria contado o

seu caso baixando os olhos, se o snr. Zola não pretendesse que ella se esquivava ao seu olhar inquisitorial. Em vez d'isso ergue a fronte, sorrindo talvez das duvidas da sciencia, e declaram que ella é fina!

Alguem perguntava a Clementina Trouvé a razão porque ella respondia com ar motejador ao snr. Zola :

—Ora essa! senhor—replicou a miraculada—tenho sempre vontade de rir quando vejo homens instruidos fazerem tantos esforços para explicar uma coisa tão simples.

E accrescentava ainda, com riso encantador :

—Não ha nada mais engraçado como ver alguem negar diante de nós uma cousa de que estamos certos. Ora eu estou perfectamente certa que antes de vir a Lourdes estava completamente estropiada: é como se um habitante de Rouillée, que nunca viu Lourdes, viesse dizer-me que não ha estatua na Gruta; eu soltaria uma gargalhada, pensando que elle queria saber mais do que eu, que tenho tantas vezes estado em Lourdes.»

—Não creio senão no que vejo, dizia o snr. Zola.

—Então não crê no fundo do mar, porque nunca o viu, lhe respondi eu.

Este senhor poz-se a rir; e lembrome bem que elle disse ao dr. Boissarie:

«—Esta menina é muito fina.»

Tenho ditosempre tudo o que pensava. E fallaria deante do snr. Carnot como fallei deante do snr. Zola.

—Não me fio senão no que veem os meus olhos,—continuou elle.

—E se os seus olhos estão doentes? —lhe disse eu, retirando-me.

Ouvi então uma segunda gargalhada.

—Eis porque eu sou fina, senhor.

Já o snr. Zola tinha mudado de conversa, passando a falar d'uma outra doente.

Vendo Maria Lebranchu, curada da sua doença de peito, diz ao dr. Boissarie :

«—Acho que esta mulher tem um olhar muito brilhante!»

E o dr. responde :

—Não é de admirar que a alegria lhe transpareça no rosto; se nós nos tivéssemos mergulhado na piscina e d'ella sahíssemos curados, difficilmente poderíamos conter a nossa commoção.

E' evidente que se Maria Lebranchu se tivesse apresentado com os olhos sombrios, o snr. Zola teria aproveitado a occasião de dizer :

«—Acho os olhos d'esta mulher muito apagados.»

Isto faz-me lembrar uma resposta muito espirituosa de Bernadette :

«Tu estavas talvez doente no dia em que viste a Santissima Virgem,—lhe perguntou o commissario de policia de-

pois da primeira apparição.—Oh! senhor, respondeu a pequena vidente, não é com a minha asthma que eu vejo a Senhora, é com os meus dois olhos.»

(Continua)

## SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

### Actos da Santa Sé

#### Sobre legitimação

O BISPO de J. fez presente à Sag. Cong. do Conc. que Pedro Musmecci celebrou matrimonio clandestino com uma mulher da sua diocese; porém que, perturbada em breve a boa harmonia entre os dois conjuges, o varão pediu á Curia Episcopal declaração de nullidade do matrimonio. Entretanto celebrou o chamado matrimonio civil com uma tal Rosa Grasso, de quem teve uma filha, que foi baptisada como illegitima. Depois o tribunal ecclesiastico declarou valido o matrimonio, cuja nullidade fôra solicitada por Pedro Musmecci. Morta a mulher, os concubina-rios obtiveram de Sua Santidade dispensa do impedimento de crime proveniente d'adulterio com promessa de futuro casamento; porém negou-se-lhes a graça da legitimação da filha havida antes da morte da mulher. Pediram a graça de novo, depois de terem celebrado união legitima; mas a Sag. Cong., ouvidas as razões pró e contra a concessão, em sessão celebrada a 9 d'agosto de 1884, dignou-se responder: *Lectum*, a saber—*Inteirada*.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Aos moralistas

Grandes poetas do mundo,  
Moralistas e escriptores:  
Fulminae os mil horrores  
Que por esse orbe rotando  
Cospem servos e senhores!

Exprobae os mil escandalos  
Que a toda a hora se dão,  
E prasmae a corrupção  
D'esses dosalmados vandalos  
Da moral... e da affeição!

Deixao-vos de transigir  
Com a solta liberdade,  
E defondei a verdade  
Que elles quorem confundir  
Por terem solta a vontade!

Fulminae os mil escriptos  
Da atroz immoralidade,  
E que é bella a piodade  
Dizei aos loucos addictos  
Do senhor... da escuridade!

Rasgae as torpes pinturas  
Que aos lascivos paganisam,  
E aos parvos que as divinizam  
Dize! que são tão impuras  
Como os que as generalisam!

Desprezae essa matúla  
De immoraes de toda a raça,  
E fazei ouvir na praça  
A sentença contra a gula,  
Contra o crime, contra a taça!

Fazei ver ao que o mal trama  
Que este vem d'uma trindado,  
E a toda a sociedade...  
Que o louco trio se chama  
Lascivia, Luxo e Vaidade!

Fallae da soberba Tyro,  
Da Babylonia, de Abella,  
De Jerusalem, d'aquella  
Que é levantada por Cyro,  
Que não quer abusar d'ella...

Dizei o que deu a Roma  
A torpe immoralidade,  
Mas calae a crueldade  
Da leão de aurea coma,  
E as torpezas... da cidade!

Fazei ver por toda a banda  
Que a moral é excellente,  
E dizei a toda a gente  
Que aonde a pureza manda,  
Reina a melhor lei vigentes!

E depois da exposição  
Do que é sancto e do que é puro,  
Prasmae de novo o monturo  
Da camina corrupção,  
Com os olhos... no futuro...

Porque só assim, senhores,  
Se poderá conseguir  
Que o tenobroso porvir  
Não surja pando de horrores,  
E de... mastins a ganir...

Mas o primeiro affazer  
Antes d'entrar em doutrina,  
Seja o rasgar a cortina:  
«Declaramos a quem ler  
«Que não vestimos batina.»

ALVES D'ALMEIDA.

### Um impossivel

Poderá ser que a torpeza  
Condemne a ignorancia  
E até que a anethocracia  
Renegue a propria maleza:

Poderá ser que a vileza  
Abomine a picardia,  
E até que a bruta anarchia  
Do Deus contemple a grandeza:

Poderá ser que o legado,  
—Caso raro e para ver—  
Deixe de pagar ao Estado:

Mas nunca poderá ser  
Que o homem mçonisade  
Cumpra com o seu dever...

ALVES D'ALMEIDA.

### No deserto

Peccar com conhecimento  
Parece amar o tormento.

Nas palavras do bom velho  
Fulge a luz do Evangelho.

Do temor de Deus promana  
A vida da especie humana.

A catholica doutrina  
E' da alma a medicina.

Ha um pouco em que a pobreza  
E' mais feliz que a riqueza.

Quem da pratica aprender  
Bem caro compra o saber.

A terra alheia peora  
Quando a soltura enamora.

Todo o mação é Suer,  
Ou Aretinó, ou Voltairo.

O «ir» do «vamos» tardonho  
Quasi nunca é mais que um sonho.

Fazendas, villa, dinheiro,  
Tudo é sonho passageiro.

O guloso vê na bulla  
O passaporte da gula.

Faze sempre e sempre bem,  
Não queiras saber a quem.

O riso do lisongeiro  
Quasi nunca é verdadeiro.

Sê nas palavras modesto  
E nas obras sempre honesto.

Obedece a tous maiores  
Sem que offendas os menores.

Mais alto falla o exemplo  
Do que a predica no templo.

Não reprimas nem castigues  
Sem que o passado investigues.



### A FESTA DE TODOS OS SANTOS

De Christo a santa doutrina  
A teus filhos sempre ensina.

Os escriptos providentes  
Suplantam-n'os imponentes.

Não ha culpa sem culpado,  
Mas procura-o com cuidado.

No Auctor do firmamento  
Superabunda a do portento.

O dinheiro não derroga  
A Lei das leis que revoga.

Screver só para quem sabo  
E' tomar que o escuro acabe.

O que a mais alto subir  
Do mais alto ha-de cahir.

Na bocca do imprudente  
Quasi sempre ha muito dente.

Do dinheiro não disponhas  
Com que ainda apenas sonhas.

O que a viver não aprende  
Tardo ou cedo se arrepende.

•Agrada sem adular  
•Que adular é enganar. •

Pensa muito e falla pouco,  
Que assim faz quem não é louco.

Se não queres depender  
Não to exponhas a dever.

Na bem ordenada lida  
Mora a prolongada vida.

Se queres ter seis vintens  
Não despendas quanto tens.

Do solto da mocidade  
Procede a raza maldade.

Ao amigo do saber  
Nunca falta que apronder.

Pondera que hasde deitar-te  
Para não mais levantar-te.

Sé honesto e virtuoso,  
Que o céu te fará ditoso.

Ai do que morre a pensar  
No que não pôde levar...

Nunca digas: «D'esta feita  
•Vou fazer grande colheita. •

Mulher que canta e descanta  
Ao sensato... não encanta.

Tudo tem o seu lugar,  
Quer na terra, quer no mar.

Na pópa mora a riqueza  
Do que vive na pobreza.

Quor em prosa, quer em verso,  
Detesta o escripto perverso.

Por sete palmos de terra  
Todo o mundo nada em guerra.

ALVES D'ALMEIDA.

## O Frade na sociedade

A christã sociedade quer o frade,  
No templo e no convento,  
Como dote e formosa propriedade,  
Ado no e complemento  
Da cultura christã, que tem na historia  
Um immortal renome, grande gloria.

Estrella matutina, que nas trevas  
Do povo mais selvagem  
Derramas luz e ali venturas levas,  
E roinas com coragom,  
Amigo, te saúdo, reverente  
Como a um astro de luz no povo crente.

A nossa sociedade pobre e manca  
Será sem ti mesquinha,  
És a mais colossal, forte alavanca,  
Contra quem espesinha  
O nosso pavilhão, altar e lares  
Aqui na terra e mais além nos mares.

Mais vale o teu capuz, que do guerreiro  
O rasco duro e frio:  
Tu corres mais além, e mais fagueiro,  
Tens mais poder, mais brio;  
Nao conquistas castellos, praças, maros,  
Mas levantas a Deus outros altares.

Conquistas almas, coração e mento,  
Genios, familias, povos,  
Os bosques não conquistas, sim gente  
E fazes reinos no os  
D'essa gente, nos bosques, que vivia  
Na inculta mas nojenta barbaria.

Isso lá: n'estes nossos senhorios  
O sal és tu do mundo,  
Que se perde dos gosos doentios  
No somno mais profundo,  
De mais certas e tristes consequencias,  
Por essas tuas barbaras ausencias.

Barbaras, sim, na causa productora,  
Que a patria maltratando,  
Com febre, por estar devoradora,  
Lançou na praça um bando,  
Chamando seu, o que mui vosso sendo,  
Foram como negros recolhendo.

E ficastes na praça dosherdados,  
Em santa liberdade  
De direitos, de pão e de cuidados,  
Fugindo da cidade,  
Para grutas das altas serranias,  
Buscando 12, 13: 14: 15: 16: 17: 18: 19: 20: 21: 22: 23: 24: 25: 26: 27: 28: 29: 30: 31: 32: 33: 34: 35: 36: 37: 38: 39: 40: 41: 42: 43: 44: 45: 46: 47: 48: 49: 50: 51: 52: 53: 54: 55: 56: 57: 58: 59: 60: 61: 62: 63: 64: 65: 66: 67: 68: 69: 70: 71: 72: 73: 74: 75: 76: 77: 78: 79: 80: 81: 82: 83: 84: 85: 86: 87: 88: 89: 90: 91: 92: 93: 94: 95: 96: 97: 98: 99: 100: 101: 102: 103: 104: 105: 106: 107: 108: 109: 110: 111: 112: 113: 114: 115: 116: 117: 118: 119: 120: 121: 122: 123: 124: 125: 126: 127: 128: 129: 130: 131: 132: 133: 134: 135: 136: 137: 138: 139: 140: 141: 142: 143: 144: 145: 146: 147: 148: 149: 150: 151: 152: 153: 154: 155: 156: 157: 158: 159: 160: 161: 162: 163: 164: 165: 166: 167: 168: 169: 170: 171: 172: 173: 174: 175: 176: 177: 178: 179: 180: 181: 182: 183: 184: 185: 186: 187: 188: 189: 190: 191: 192: 193: 194: 195: 196: 197: 198: 199: 200: 201: 202: 203: 204: 205: 206: 207: 208: 209: 210: 211: 212: 213: 214: 215: 216: 217: 218: 219: 220: 221: 222: 223: 224: 225: 226: 227: 228: 229: 230: 231: 232: 233: 234: 235: 236: 237: 238: 239: 240: 241: 242: 243: 244: 245: 246: 247: 248: 249: 250: 251: 252: 253: 254: 255: 256: 257: 258: 259: 260: 261: 262: 263: 264: 265: 266: 267: 268: 269: 270: 271: 272: 273: 274: 275: 276: 277: 278: 279: 280: 281: 282: 283: 284: 285: 286: 287: 288: 289: 290: 291: 292: 293: 294: 295: 296: 297: 298: 299: 300: 301: 302: 303: 304: 305: 306: 307: 308: 309: 310: 311: 312: 313: 314: 315: 316: 317: 318: 319: 320: 321: 322: 323: 324: 325: 326: 327: 328: 329: 330: 331: 332: 333: 334: 335: 336: 337: 338: 339: 340: 341: 342: 343: 344: 345: 346: 347: 348: 349: 350: 351: 352: 353: 354: 355: 356: 357: 358: 359: 360: 361: 362: 363: 364: 365: 366: 367: 368: 369: 370: 371: 372: 373: 374: 375: 376: 377: 378: 379: 380: 381: 382: 383: 384: 385: 386: 387: 388: 389: 390: 391: 392: 393: 394: 395: 396: 397: 398: 399: 400: 401: 402: 403: 404: 405: 406: 407: 408: 409: 410: 411: 412: 413: 414: 415: 416: 417: 418: 419: 420: 421: 422: 423: 424: 425: 426: 427: 428: 429: 430: 431: 432: 433: 434: 435: 436: 437: 438: 439: 440: 441: 442: 443: 444: 445: 446: 447: 448: 449: 450: 451: 452: 453: 454: 455: 456: 457: 458: 459: 460: 461: 462: 463: 464: 465: 466: 467: 468: 469: 470: 471: 472: 473: 474: 475: 476: 477: 478: 479: 480: 481: 482: 483: 484: 485: 486: 487: 488: 489: 490: 491: 492: 493: 494: 495: 496: 497: 498: 499: 500: 501: 502: 503: 504: 505: 506: 507: 508: 509: 510: 511: 512: 513: 514: 515: 516: 517: 518: 519: 520: 521: 522: 523: 524: 525: 526: 527: 528: 529: 530: 531: 532: 533: 534: 535: 536: 537: 538: 539: 540: 541: 542: 543: 544: 545: 546: 547: 548: 549: 550: 551: 552: 553: 554: 555: 556: 557: 558: 559: 560: 561: 562: 563: 564: 565: 566: 567: 568: 569: 570: 571: 572: 573: 574: 575: 576: 577: 578: 579: 580: 581: 582: 583: 584: 585: 586: 587: 588: 589: 590: 591: 592: 593: 594: 595: 596: 597: 598: 599: 600: 601: 602: 603: 604: 605: 606: 607: 608: 609: 610: 611: 612: 613: 614: 615: 616: 617: 618: 619: 620: 621: 622: 623: 624: 625: 626: 627: 628: 629: 630: 631: 632: 633: 634: 635: 636: 637: 638: 639: 640: 641: 642: 643: 644: 645: 646: 647: 648: 649: 650: 651: 652: 653: 654: 655: 656: 657: 658: 659: 660: 661: 662: 663: 664: 665: 666: 667: 668: 669: 670: 671: 672: 673: 674: 675: 676: 677: 678: 679: 680: 681: 682: 683: 684: 685: 686: 687: 688: 689: 690: 691: 692: 693: 694: 695: 696: 697: 698: 699: 700: 701: 702: 703: 704: 705: 706: 707: 708: 709: 710: 711: 712: 713: 714: 715: 716: 717: 718: 719: 720: 721: 722: 723: 724: 725: 726: 727: 728: 729: 730: 731: 732: 733: 734: 735: 736: 737: 738: 739: 740: 741: 742: 743: 744: 745: 746: 747: 748: 749: 750: 751: 752: 753: 754: 755: 756: 757: 758: 759: 760: 761: 762: 763: 764: 765: 766: 767: 768: 769: 770: 771: 772: 773: 774: 775: 776: 777: 778: 779: 780: 781: 782: 783: 784: 785: 786: 787: 788: 789: 790: 791: 792: 793: 794: 795: 796: 797: 798: 799: 800: 801: 802: 803: 804: 805: 806: 807: 808: 809: 810: 811: 812: 813: 814: 815: 816: 817: 818: 819: 820: 821: 822: 823: 824: 825: 826: 827: 828: 829: 830: 831: 832: 833: 834: 835: 836: 837: 838: 839: 840: 841: 842: 843: 844: 845: 846: 847: 848: 849: 850: 851: 852: 853: 854: 855: 856: 857: 858: 859: 860: 861: 862: 863: 864: 865: 866: 867: 868: 869: 870: 871: 872: 873: 874: 875: 876: 877: 878: 879: 880: 881: 882: 883: 884: 885: 886: 887: 888: 889: 890: 891: 892: 893: 894: 895: 896: 897: 898: 899: 900: 901: 902: 903: 904: 905: 906: 907: 908: 909: 910: 911: 912: 913: 914: 915: 916: 917: 918: 919: 920: 921: 922: 923: 924: 925: 926: 927: 928: 929: 930: 931: 932: 933: 934: 935: 936: 937: 938: 939: 940: 941: 942: 943: 944: 945: 946: 947: 948: 949: 950: 951: 952: 953: 954: 955: 956: 957: 958: 959: 960: 961: 962: 963: 964: 965: 966: 967: 968: 969: 970: 971: 972: 973: 974: 975: 976: 977: 978: 979: 980: 981: 982: 983: 984: 985: 986: 987: 988: 989: 990: 991: 992: 993: 994: 995: 996: 997: 998: 999: 1000: 1001: 1002: 1003: 1004: 1005: 1006: 1007: 1008: 1009: 1010: 1011: 1012: 1013: 1014: 1015: 1016: 1017: 1018: 1019: 1020: 1021: 1022: 1023: 1024: 1025: 1026: 1027: 1028: 1029: 1030: 1031: 1032: 1033: 1034: 1035: 1036: 1037: 1038: 1039: 1040: 1041: 1042: 1043: 1044: 1045: 1046: 1047: 1048: 1049: 1050: 1051: 1052: 1053: 1054: 1055: 1056: 1057: 1058: 1059: 1060: 1061: 1062: 1063: 1064: 1065: 1066: 1067: 1068: 1069: 1070: 1071: 1072: 1073: 1074: 1075: 1076: 1077: 1078: 1079: 1080: 1081: 1082: 1083: 1084: 1085: 1086: 1087: 1088: 1089: 1090: 1091: 1092: 1093: 1094: 1095: 1096: 1097: 1098: 1099: 1100: 1101: 1102: 1103: 1104: 1105: 1106: 1107: 1108: 1109: 1110: 1111: 1112: 1113: 1114: 1115: 1116: 1117: 1118: 1119: 1120: 1121: 1122: 1123: 1124: 1125: 1126: 1127: 1128: 1129: 1130: 1131: 1132: 1133: 1134: 1135: 1136: 1137: 1138: 1139: 1140: 1141: 1142: 1143: 1144: 1145: 1146: 1147: 1148: 1149: 1150: 1151: 1152: 1153: 1154: 1155: 1156: 1157: 1158: 1159: 1160: 1161: 1162: 1163: 1164: 1165: 1166: 1167: 1168: 1169: 1170: 1171: 1172: 1173: 1174: 1175: 1176: 1177: 1178: 1179: 1180: 1181: 1182: 1183: 1184: 1185: 1186: 1187: 1188: 1189: 1190: 1191: 1192: 1193: 1194: 1195: 1196: 1197: 1198: 1199: 1200: 1201: 1202: 1203: 1204: 1205: 1206: 1207: 1208: 1209: 1210: 1211: 1212: 1213: 1214: 1215: 1216: 1217: 1218: 1219: 1220: 1221: 1222: 1223: 1224: 1225: 1226: 1227: 1228: 1229: 1230: 1231: 1232: 1233: 1234: 1235: 1236: 1237: 1238: 1239: 1240: 1241: 1242: 1243: 1244: 1245: 1246: 1247: 1248: 1249: 1250: 1251: 1252: 1253: 1254: 1255: 1256: 1257: 1258: 1259: 1260: 1261: 1262: 1263: 1264: 1265: 1266: 1267: 1268: 1269: 1270: 1271: 1272: 1273: 1274: 1275: 1276: 1277: 1278: 1279: 1280: 1281: 1282: 1283: 1284: 1285: 1286: 1287: 1288: 1289: 1290: 1291: 1292: 1293: 1294: 1295: 1296: 1297: 1298: 1299: 1300: 1301: 1302: 1303: 1304: 1305: 1306: 1307: 1308: 1309: 1310: 1311: 1312: 1313: 1314: 1315: 1316: 1317: 1318: 1319: 1320: 1321: 1322: 1323: 1324: 1325: 1326: 1327: 1328: 1329: 1330: 1331: 1332: 1333: 1334: 1335: 1336: 1337: 1338: 1339: 1340: 1341: 1342: 1343: 1344: 1345: 1346: 1347: 1348: 1349: 1350: 1351: 1352: 1353: 1354: 1355: 1356: 1357: 1358: 1359: 1360: 1361: 1362: 1363: 1364: 1365: 1366: 1367: 1368: 1369: 1370: 1371: 1372: 1373: 1374: 1375: 1376: 1377: 1378: 1379: 1380: 1381: 1382: 1383: 1384: 1385: 1386: 1387: 1388: 1389: 1390: 1391: 1392: 1393: 1394: 1395: 1396: 1397: 1398: 1399: 1400: 1401: 1402: 1403: 1404: 1405: 1406: 1407: 1408: 1409: 1410: 1411: 1412: 1413: 1414: 1415: 1416: 1417: 1418: 1419: 1420: 1421: 1422: 1423: 1424: 1425: 1426: 1427: 1428: 1429: 1430: 1431: 1432: 1433: 1434: 1435: 1436: 1437: 1438: 1439: 1440: 1441: 1442: 1443: 1444: 1445: 1446: 1447: 1448: 1449: 1450: 1451: 1452: 1453: 1454: 1455: 1456: 1457: 1458: 1459: 1460: 1461: 1462: 1463: 1464: 1465: 1466: 1467: 1468: 1469: 1470: 1471: 1472: 1473: 1474: 1475: 1476: 1477: 1478: 1479: 1480: 1481: 1482: 1483: 1484: 1485: 1486: 1487: 1488: 1489: 1490: 1491: 1492: 1493: 1494: 1495: 1496: 1497: 1498: 1499: 1500: 1501: 1502: 1503: 1504: 1505: 1506: 1507: 1508: 1509: 1510: 1511: 1512: 1513: 1514: 1515: 1516: 1517: 1518: 1519: 1520: 1521: 1522: 1523: 1524: 1525: 1526: 1527: 1528: 1529: 1530: 1531: 1532: 1533: 1534: 1535: 1536: 1537: 1538: 1539: 1540: 1541: 1542: 1543: 1544: 1545: 1546: 1547: 1548: 1549: 1550: 1551: 1552: 1553: 1554: 1555: 1556: 1557: 1558: 1559: 1560: 1561: 1562: 1563: 1564: 1565: 1566: 1567: 1568: 1569: 1570: 1571: 1572: 1573: 1574: 1575: 1576: 1577: 1578: 1579: 1580: 1581: 1582: 1583: 1584: 1585: 1586: 1587: 1588: 1589: 1590: 1591: 1592: 1593: 1594: 1595: 1596: 1597: 1598: 1599: 1600: 1601: 1602: 1603: 1604: 1605: 1606: 1607: 1608: 1609: 1610: 1611: 1612: 1613: 1614: 1615: 1616: 1617: 1618: 1619: 1620: 1621: 1622: 1623: 1624: 1625: 1626: 1627: 1628: 1629: 1630: 1631: 1632: 1633: 1634: 1635: 1636: 1637: 1638: 1639: 1640: 1641: 1642: 1643: 1644: 1645: 1646: 1647: 1648: 1649: 1650: 1651: 1652: 1653: 1654: 1655: 1656: 1657: 1658: 1659: 1660: 1661: 1662: 1663: 1664: 1665: 1666: 1667: 1668: 1669: 1670: 1671: 1672: 1673: 1674: 1675: 1676: 1677: 1678: 1679: 1680: 1681: 1682: 1683: 1684: 1685: 1686: 1687: 1688: 1689: 1690: 1691: 1692: 1693: 1694: 1695: 1696: 1697: 1698: 1699: 1700: 1701: 1702: 1703: 1704: 1705: 1706: 1707: 1708: 1709: 1710: 1711: 1712: 1713: 1714: 1715: 1716: 1717: 1718: 1719: 1720: 1721: 1722: 1723: 1724: 1725: 1726: 1727: 1728: 1729: 1730: 1731: 1732: 1733: 1734: 1735: 1736: 1737: 1738: 1739: 1740: 1741: 1742: 1743: 1744: 1745: 1746: 1747: 1748: 1749: 1750: 1751: 1752: 1753: 1754: 1755: 1756: 1757: 1758: 1759: 1760: 1761: 1762: 1763: 1764: 1765: 1766: 1767: 1768: 1769: 1770: 1771: 1772: 1773: 1774: 1775: 1776: 1777: 1778: 1779: 1780: 1781: 1782: 1783: 1784: 1785: 1786: 1787: 1788: 1789: 1790: 1791: 1792: 1793: 1794: 1795: 1796: 1797: 1798: 1799: 1800: 1801: 1802: 1803: 1804: 1805: 1806: 1807: 1808: 1809: 1810: 1811: 1812: 1813: 1814: 1815: 1816: 1817: 1818: 1819: 1820: 1821: 1822: 1823: 1824: 1825: 1826: 1827: 1828: 1829: 1830: 1831: 1832: 1833: 1834: 1835: 1836: 1837: 1838: 1839: 1840: 1841: 1842: 1843: 1844: 1845: 1846: 1847: 1848: 1849: 1850: 1851: 1852: 1853: 1854: 1855: 1856: 1857: 1858: 1859: 1860: 1861: 1862: 1863: 1864: 1865: 1866: 1867: 1868: 1869: 1870: 1871: 1872: 1873: 1874: 1875: 1876: 1877: 1878: 1879: 1880: 1881: 1882: 1883: 1884: 1885: 1886: 1887: 1888: 1889: 1890: 1891: 1892: 1893: 1894: 1895: 1896: 1897: 1898: 1899: 1900: 1901: 1902: 1903: 1904: 1905: 1906: 1907: 1908: 1909: 1910: 1911: 1912: 1913: 1914: 1915: 1916: 1917: 1918: 1919: 1920: 1921: 1922: 1923: 1924: 1925: 1926: 1927: 1928: 1929: 1930: 1931: 1932: 1933: 1934: 1935: 1936: 1937: 1938: 1939: 1940: 1941: 1942: 1943: 1944: 1945: 1946: 1947: 1948: 1949: 1950: 1951: 1952: 1953: 1954: 1955: 1956: 1957: 1958: 1959: 1960: 1961: 1962: 1963: 1964: 1965: 1966: 1967: 1968: 1969: 1970: 1971: 1972: 1973: 1974: 1975: 1976: 1977: 1978: 1979: 1980: 1981: 1982: 1983: 1984: 1985: 1986: 1987: 1988: 1989: 1990: 1991: 1992: 1993: 1994: 1995: 1996: 1997: 1998: 1999: 2000: 2001: 2002: 2003: 2004: 2005: 2006: 2007: 2008: 2009: 2010: 2011: 2012: 2013: 2014: 2015: 2016: 2017: 2018: 2019: 2020: 2021: 2022: 2023: 2024: 2025: 2026: 2027: 2028: 2029: 2030: 2031: 2032: 2033: 2034: 2035: 2036: 2037: 2038: 2039: 2040: 2041: 2042: 2043: 2044: 2045: 2046: 2047: 2048: 2049: 2050: 2051: 2052: 2053: 2054: 2055: 2056: 2057: 2058: 2059: 2060: 2061: 2062: 2063: 2064: 2065: 2066: 2067: 2068: 2069: 2070: 2071: 2072: 2073: 2074: 2075: 2076

## SECÇÃO ILLUSTRADA

Iniciação  
da Sublime Escoceza

(Vid. pag. 207)

A nossa gravura representa uma das comedias ridiculas da iniciação da Sublime Escoceza: Judith trazendo na mão a cabeça de Holophernes... de papelão!

A coisa passa-se assim:

A Irmã da Eloquencia e a neophyta chegam á porta do Areopago; esta, instruída pela preparadora, empunha o alfange na mão direita, e segura na esquerda o craneo de cartão pintado.

No interior, Irmãos e Irmãs retomam os seus logares.

A Irmã da Eloquencia dá duas pancadas.

A neophyta clama: —Victoria! Victoria!

O Servente d'Armas avisa a Irmã Depositaria do que se passa fóra; e esta repete-o ao Irmão Grande Inspector.

O Irmão Inspector.—Gran Mestre, acabam de bater duas vezes á porta do templo, e no atrio reboou duas vezes o grito de *Victoria*.

O Gran Mestre.—Mandae vêr quem é que assim gritou.

O Servente d'Armas abre a porta.

O Irmão Inspector.—E' Judith.

O Gran Mestre.—Que entre... Meus Irmãos e minhas Irmãs, punhamo-nos de pé.

Todos se levantam. A neophyta é introduzida.

A neophyta.—Seja louvado o Grande Architecto do Universo, que não abandonou os que esperam n'elle, que exerceu pela sua serva a misericórdia que prometteu á nação d'Israel, e que matou esta noute pela minha mão o inimigo de seu povo!

Concluidas estas palavras apresenta a cabeça de cartão pintado.

O Gran Mestre.—Illustre Irmão Gran Mestre de Ceremonias, mandae a neophita dirigir-se ao altar em sete passos mysticos para prestar o juramento.

Ha uma escada de sete degrãos estendida sobre o quadro do Areopago. O Mestre de Ceremonias, guiando a neophyta, dirige-a pela escada, dizendo uma das sete palavras seguintes a cada degrão que ella pisa:

Amizade!... União!... Submissão!... Discreção!... Fidelidade!... Prudencia!... Temperança!...

Em seguida, a neophita entrega o craneo de cartão ao Mestre de Ceremonias, que o crava na ponta d'uma lança posta em frente do altar.

Depois a neophyta, de joelhos diante do Gran Mestre, presta o juramento do grão, repetindo-o phrase por phrase.

E querem estes miseraveis que os tomemos a serio!

\*  
\*  
\*

## A festa de todos os santos

(Vid. pag. 215)

A Igreja reúne no dia 1 de novembro todos os ditos moradores da celestial Jerusalem, para que Deus, em attenção a tantos e tão poderosos intercessores, que são a um tempo advogados e modelos, entorne sobre nós com mais abundancia os thesouros da sua misericórdia.

Muito tempo antes de se fixar para este dia a presente festa geral, solemnizava-se dentro do tempo paschal, entre a Paschoa da Resurreição e o Pentecostes, mas só comprehendia a Santissima Virgem e Rainha de todos os santos, os apóstolos e os martyres. Estava destinado o 1.º de maio para a festa dos apóstolos e outro dia do mesmo mez para a dos martyres, em cuja festa se collocava a SS. Virgem; mas não se celebrava a festa de todos os santos, á qual deu occasião de certo modo o famoso Pantheon, templo de todos os deuses.

Ouçamos sobre o assumpto o Padre João Croiset:

Era o edificio mais sumptuoso da velha Roma, reputada a maravilha da arte, e ultimo apuro da architectura, mui amplo, elevado, e de figura redonda em guisa de symbolisar o mundo, obra de Agrippa d'alguns annos anterior a Jesus Christo, em memoria da victoria, ganha por Augusto na famosa jornada de Accio contra Antonio e Cleopatra; dando-se-lhe o nome de *Pantheon*, para denotar que alli se tributava adoração a todos os deuses, muito embora Agrippa o houvesse consagrado só a Jupiter vingador.

Empenhados os imperadores na abolição do culto idolatrico, derribaram todos os seus templos para sepultarem em suas ruinas as reliquias das superstições pagãs, sendo quicá o Pantheon o unico monumento do gentilismo que ficou de pé. Haviam-se já destruido os templos famosos de Jupiter Capitolino em Roma, de Jupiter Celeste em Carthago, de Apollo em Delphos, de Diana em Epheso, de Serapis em Alexandria; estava em todo o vigor um edicto do imperador Theodosio que mandava arrasar todos aquelles logares de abominação, e se collocassem cruces sobre suas ruinas: providencia necessaria nos primeiros tempos da Igreja para abolir a memoria do gentilismo que havia pe-

netrado do erro todos os seus monumentos, exemplo seguido por S. Gregorio Magno por fins do sexto seculo, mandando fazer outro tanto aos templos de Inglaterra nos principios de sua ditosa conversão; mas quando não havia já que temer a idolatria, pareceu mais acertado purificar os templos antigos, do que arruinal-os para levantar outros novos.

N'este intuito purificou e consagrou Bonifacio IV o famoso Pantheon, conservado até ao seu tempo para commemorar a insigne victoria alcançada pela Igreja sobre a cega gentildade, dedicando-o á Santissima Virgem Maria e aos sanctos martyres, para que d'alli em diante fossem honrados todos os Sanctos no mesmo templo, onde haviam recebido sacrilegas adorações todos os deuses falsos, cuja famosa consagração se solemnizou no dia 12 de maio do anno 609, asseverando o cardeal Baronio haver lido em um documento muito antigo, que o referido Papa Bonifacio havia trasladado para o Pantheon vinte e oito carros carregados de ossos de sanctos martyres, exhumados das catacumbas de Roma e contornos. Sem embargo d'isso, não se deve dizer que a festa ou a dedicacão d'aquelle magnifico templo, chamado no principio de *Nossa Senhora dos Martyres*, e hoje *Santa Maria a rotunda*, fosse em rigor a festa de todos os Sanctos. A epocha d'esta festividade deve collocar-se no pontificado de Gregorio III, que pelos annos de 731 mandou erigir uma capella na igreja de S. Pedro em honra do Salvador, da Santissima Virgem, dos apóstolos, dos martyres, dos confesores, e de todos os justos que reinam com Christo na celeste Jerusalem, festa que ao principio se celebrou em Roma, mas em breve se estendeu a todo o mundo christão, e foi collocada entre as de primeira classe.

Tendo passado a França o Papa Gregorio VI no anno de 835, mandou que se celebrasse solemnemente a festa de todos os Sanctos na Igreja universal, em cuja occasião expediu um decreto o imperador Luiz o Pacifico, fixando-a no dia primeiro de novembro, em que unindo a Igreja como em um só corpo todas aquellas almas bemaventuradas, congrega, como dito fica, todas as festas n'uma, honrando-as a todas com religioso culto em uma só festividade. Como os gentios celebravam n'este mesmo dia uma festa em honra de todos os deuses, acompanhando-a de toda a casta de dissoluções, é provavel que esta mesma circumstancia determinasse a Igreja a fixar esta festa no proprio dia que antes d'isso era dia de jejum, que passou desde então para a vigilia: pelo que esta festividade toma logar entre as mais solemnnes, sendo até na

propria Inglaterra de preceito, ainda depois do scisma e da heresia. O Papa Sisto IV mandou que se celebrasse com oitava, tomando assim ordem entre as mais sollemnes da Egreja universal.

## RETROSPECTO

### Candidatos catholicos pelo Porto

O Centro Catholico do Porto propõe para candidatos catholicos pelo seu districto, como já dissemos, os snrs.:

*Padre José Joaquim de Senna Freitas  
José de Saldanha Oliveiru e Souza  
D. Thomaz d'Almeida Manuel de Vilhena*

São tres nomes respeitaveis, que se forem ao parlamento, se honrarão a si e aos seus eleitores.

Trabalhar para que estas candidaturas vinguem, é um dever dos catholicos.

E parece que os catholicos, e principalmente o clero, estão dispostos a cumprir o seu dever; pois em quasi todos os concelhos do districto do Porto tem havido reuniões do clero para proteger estas candidaturas. Já renniu o clero dos concelhos de Santo Thyrsó, de Louzada, de Felgueiras, de Gaya e de Villa do Conde, e nos outros concelhos estão-se preparando estas reuniões.

E' mister não descançar.

Estas candidaturas tem, no presente momento, um character de protesto contra os insultos da jacobinagem e da maçonaria aos catholicos.

Sacerdotes indefensos foram insultados e espancados nas ruas de Lisboa pela canalha vomitada ou incitada pelas cavernas maçônicas e jacobinas. O clero, como um só homem, ergueu-se para protestar contra esses monstruosos attentados. Foi uma manifestação digna, brilhante, mas isso não basta. Das palavras é necessario passar a obras. E' necessario, pois, que o clero que protestou se una e trabalhe pelo triumpho das candidaturas catholicas, afim de mostrar que os catholicos tem força e sentem os insultos que lhes fazem.

Se se não aproveitar esta occasião, difficilmente apparecerá outra como esta.

Em nome, pois, da dignidade offendida dos catholicos e principalmente do clero; em nome dos interesses da Egreja e da patria; em nome dos nossos proprios interesses e dos das nossas familias, seriamente ameaçados com a invasão da onda revolucionaria, á urna, catholicos, á urna no districto do Porto pelos snrs.:

*Padre José Joaquim de Senna Freitas  
José de Saldanha Oliveiru e Souza  
D. Thomaz d'Almeida Manuel de Vilhena*

### Arcypréste da Sé de Lamego

Foi collado n'esta dignidade o nosso prezado assignante e illustrado sacerdote, snr. Conego Placido Augusto de Vasconcellos.

Damos os parabens a s. rev.<sup>ma</sup>

### O rei de Portugal em Roma

Na ultima quinzena o assumpto do dia era a annunciada ida a Roma do rei de Portugal, D. Carlos.

O rei vae a Roma? Não vae? Eram as perguntas que se faziam com interesse por toda a parte, e não só no reino, mas na Europa.

E, afinal, não foi.

Não foi, nem devia nem podia ir.

Um rei catholico não pôde ir a Roma sem que a sua primeira visita seja ao Papa. Ora, como o snr. D. Carlos, se fosse ao Vaticano primeiro, não seria recebido no Quirinal, não foi a Roma.

Crispi trabalhou para que o rei de Portugal fosse ao Quirinal e se não importasse com a questão internacional que d'ahi resultaria. Mas o rei de Portugal, por si ou por influencias da Hespanha, da Austria e da Belgica, como se affirmou, teve o necessario senso para vêr o perigo do passo que lhe queriam fazer dar.

Fez bem o rei fidelissimo em não ir a Roma visitar o rei Humberto. Se fosse, teria dado um golpe de morte no seu throno real, porque Sua Magestade não poderia, depois d'isso, contar com a fidelidade dos seus subditos catholicos, que, digam o que disserem os jacobinos, são os que lhe tem escorado o throno.

Não indo a Roma, o rei de Portugal fez o seu dever. Mas, ao mesmo tempo, fez o maior serviço que, no presente momento, podia prestar á sua dynastia.

### Carta de Leão XIII ao episcopado hespanhol

O episcopado hespanhol dirigiu a Sua Santidade uma mensagem collectiva a proposito das festas de 20 de setembro, protestando contra ellas.

O Santo Padre acaba de responder ao episcopado hespanhol com a seguinte carta de agradecimento:

*«Amados filhos nossos e veneraveis irmãos, saude e benção apostolica.»*

«Com razão a mui illustre nação hespanhola se gloria do distinctivo de catholica, porque a nenhuma outra do mundo cede em veneração á Santa Sé Apostolica. Bem assignalado vimos isto no anno anterior, quando recebemos aquelle numerosissimo grupo de hespanhoes, vindos depois de terminado o quinquagesimo anniversario da Nossa consagração episcopal, e novamente o vimos na presente momento em grau

elevado, quando vós, amados filhos nossos e veneraveis irmãos, acudistes, antes de quaesquer outros, a tomar parte na dôr de que fomos profundamente affectados pela injuria feita á dignidade do Pontifice Romano.

«Com toda a exactidão haveis lamentado este golpe infligido ao direito das gentes e vos haveis condoido de que esteja tão coarctada a liberdade da Santa Sé Apostolica, para cuja acção livre se ordenou o principado civil, que por vontade de Deus coube em sorte aos Pontifices Romanos, e do qual estes usaram por tantos seculos. Porque é inteiramente conforme a toda a especie de principios rectos que não sómente a magestade do Pontificado exige o poder civil, mas que tambem o requerem a segurança e a utilidade de todos os catholicos. Pelo que, ao affirmar e vindicar esse principado civil, não só Nos haveis mostrado o vosso amor de christãos, mas tambem a predilecção propria de Bispos que defendem a dignidade e a excellencia da religião catholica.

«Do vosso acto, pois, que temos em muita consideração, conservaremos uma impressão gratissima, e em penhor da benevolencia com que nos ligamos de coração a vós em primeiro lugar e á nação hespanhola, recebei a benção apostolica, que amantissimamente vos enviamos a todos no Senhor.

«Dada em Roma, junto de S. Pedro, no dia 3 de outubro de 1895, decimo oitavo anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

### Anarchistas

Lê-se nas *Novidades* de 21 do corrente:

«Realizou-se hontem de tarde no Gremio 27 de setembro de 1894, situado no largo das Olarias, 12, 1.º, uma reunião de anarchistas, que os jornaes da manhã tinham annunciado, e cujo intuito era, segundo as suas noticias, protestar contra o crime de Campo de Ourique, visto ter elle sido commettido por correligionarios seus.

«A' reunião, marcada para as 4 horas da tarde, assistiram mais de 100 pessoas, sendo o maior numero, porém, de curiosos, e apenas uma infima minoria composta de anarchistas.

«Os tres primeiros oradores que usaram da palavra, um dos quaes foi o sr. Martins Vagueiro, applaudiram o crime dos Terramotos, que acharam merecedor de plena e inteira absolvição no confessorario da escola anarchista. Um dos oradores apenas concordou em que a escolha da victima poderia ter sido melhor. Era mais conveniente que fosse a condessa de\*\*\*, em vez da taberneira Maria Rosa! Em todo o caso, de

tão pequeno motivo não podia concluir-se o repudio ou a condemnação do acto praticado pelos quatro companheiros.

«A assembleia dava evidentes mostras de desaccordo com semelhantes opiniões. Usaram então da palavra os snrs. Albino de Moraes e Bartholomeu Constantino, que verberaram violentamente as doutrinas defendidas pelos oradores antecedentes, dizendo que se envergonhavam de as ter ouvido expôr alli e que o partido anarchista devia protestar por fórma bem clara contra qualquer solidariedade que se quizesse attribuir-lhe com os criminosos, cujo procedimento não podia approvar.

«Os tres primeiros oradores interromperam por diversas vezes ambos os discursos, e por fim o caso ia degenerando em serio chifrim, tendo-se trocado provocações e ameaças de parte a parte.»

Isto passou-se na capital do reino fidelissimo!

Parece que gostam... Pois deixem engordar a hydra e depois... berrem quando já não haja remedio!

#### Congresso Franciscano

Fechou as suas sessões o Congresso de Terceiros Franciscanos reunido em Assis com uma solemne procissão que, da capella da Porciuncula, se dirigiu á Basilica de Santa Maria dos Anjos, renovando-se no meio d'uma immensa multidão de peregrinos vindos de toda a Umbria os espectaculos da fé e de santo entusiasmo que outr'ora suscitou n'aquelles logares privilegiados a pregação e o exemplo do immortal fundador da familia franciscana.

Um dos braços d'esta grande familia comprehende, segundo uma recente estatística, 1:132 conventos; 113 casas de noviciado; 236 escolasticados; 29 collegios de missões; 8:233 sacerdotes professores; 2:660 clérigos; 3:282 irmãos leigos; 849 noviços e 1:573 irmãos Terceiros.

#### Futuros Cardeaes

Affirma-se que no Consistorio que será celebrado na primeira quinzena de novembro proximo, serão creados Cardeaes os Nuncios de Paris, Madrid, Lisboa e Vienna, Mgr. Satolli e tres ou quatro Arcebispos estrangeiros, que serão escolhidos d'entre as illustrações scientificas do episcopado francez, austriaco e hespanhol.

#### Saída de 80 missionarios salesianos

No dia 31 do corrente deviam ter partido do santuario de Maria Auxiliadora de Turim, 80 missionarios salesianos com destino ao Mexico, Venezuela, Equador, Bolivia, Perú, Uruguay, Paraguay, Brazil, Argentina, Chile e Terra do

Fogo, na America; Argel e Tunis, na Africa; e Palestina, na Asia. A' frente da expedição da America vão o rev.<sup>mo</sup> D. Santiago Costamagna, vigario apostolico de Mendez e Gualaquiza, e Mons. José Fagnano, prefeito apostolico da Patagonia Meridional e Terra do Fogo. Juntamente partirão 20 Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, dirigidas pela sua Superiora geral, que por esta occasião visitará as casas e missões que as ditas Irmãs tem na America.

O rev. D. Rua, successor de D. Bosco, tendo a satisfazer enormes despesas com esta numerosa expedição, recommenda-se á caridade das pessoas piedosas.

Apoiar e favorecer o florescimento e propagação das Missões catholicas é a maior obra, não só deante de Deus, que nos ha de recompensar largamente, mas tambem deante dos homens.

Quem tiver devoção de contribuir para esta boa obra, póde remetter as suas esmolas ao rev.<sup>mo</sup> Padre Pedro Cogliolo, Orphãos de S. Caetano, Braga, que, estamos certos, da melhor vontade as fará chegar ao seu destino.

#### Leão XIII e o jogo do xadrez

Diz uma folha estrangeira que o passatempo favorito de Leão XIII é o xadrez, sendo notavel a sua proficiencia n'aquelle jogo complicado. É um ecclesiastico romano, o rev. Guila, o parceiro habitual de Sua Santidade, e ha muitos annos que desempenha estas funcções.

Quando Leão XIII, então Cardeal Pecci, subiu ao throno pontifical, o rev. Guila estava em Florença. Chamado a Roma pelo novo Pontifice, foi alojado no palacio do Vaticano.

A habilidade do rev. Guila no jogo de xadrez é maravilhosa, mas passa por ser de um genio terrivelmente irascivel, tendo occasiões até em que, na sua cólera, não respeita o proprio Papa.

Então Leão XIII interrompe a partida, se está jogando, e em um discurso sentidamente insinuante faz o elogio da humildade christã e do imperio que todo o homem deve ter sobre si mesmo, de modo que as suas palavras vão acalmando o irascivel parceiro, que, arrependido, continua a partida interrompida.

Sempre inventam cada patranha, os jornaes estrangeiros!

#### O socialismo entre nós

É um facto que o socialismo vae ganhando terreno entre nós. A *Voz do operario* publicou, ha dias, o programma do socialismo, cujo artigo 7.<sup>o</sup> diz o que vae lêr-se. Não chamamos a attenção das auctoridades para elle, porque seria bradar no deserto. Chamamos a attenção dos catholicos, do clero, para

vêr a sorte que os espera, se continuarem a dormir o somno da indifferença e a achar que não vale a pena organisarem-se e formarem um forte nucleo catholico.

Eis o tal artigo:

«7.<sup>o</sup> Completa abstenção do estado em materia religiosa; extincção do ministerio dos negocios ecclesiasticos; abolição da embaixada junto á Santa Sé e interrupção de todas as relações officiaes com a curia romana e seus delegados; extincção de qualquer subsidio ao clero, seja qual for a sua categoria; suppressão de capellães officiaes no exercito, na armada, nos asylos, nos hospitaes e casas de correcção; ausencia obrigatoria de todos os representantes do estado a ceremonias publicas religiosas; registo civil obrigatorio; secularisação dos cemiterios com permissoão de todos os ritos e symbolos religiosos e civis, nos tumulos e sepulturas; organisação d'um museu nacional de religiões comparadas, iniciado com as imagens, alfaias, quadros e artigos de valor historico e artistico existentes nas egrejas do reino, juntando-se-lhes as imagens e alfaias do culto das religiões budhica, africanas e outras, já existentes nos museus do paiz; abolição de toda a legislação que torne obrigatorias as manifestações religiosas; abolição do juramento em todas as relações dos cidadãos com o estado; extincção dos seminarios e dos institutos de ensino religioso, das missões de educação e catechese, mantidas pelo estado e da facultade de theologia da universidade de Coimbra; prohibição dos padres e dos membros das corporações religiosas, exercerem o professorado ou qualquer emprego nas escolas publicas, sob o ponto de vista da educação inteiramente laica; suppressão de todos os subsidios aos institutos de iniciativa individual que mantenham o ensino religioso nas suas escolas.»

#### Missionarios para a Africa

Partiram no dia 20 do mez passado para a Africa, a bordo do *S. Thomé*, os revs. snrs. Padres Victor Wending, Wolff, Thuet, Boehr e Meyer; os tres primeiros para a missão de Huilla, o quarto para a de Caconda e o quinto para a de Cabiuda. Foram tambem os irmãos auxiliares Adriano Macieira, Camillo, Estanislau Carrilho, Pedro Pereira e Gregorio; o primeiro para a missão do Libollo, o segundo e o quarto para a de Caconda, o terceiro para a de Huilla e o quinto para a de Cabiuda.

O nosso collega *Correio Nacional* dá mais as seguintes informações:

Os cinco sacerdotes são todos alsacianos. O snr. Padre Wending achase em Portugal ha 13 annos, tendo sido

professor do seminário apostólico que hoje se acha na Formiga. Era também director da Associação das Orações e Boas Obras pela conversão dos pretos. E' um sacerdote illustradissimo.

Os cinco irmãos auxiliares saíram todos da Escola Agricola Colonial de Cintra.

Assistiram á partida dos novos missionarios o sr. dr. José G. Eigenmann, venerando provincial da Congregação do Espirito Santo, e o snr. Padre Rooney, dignissimo procurador das missões de Angola.

Registamos com summo prazer a noticia da partida de todos estes novos obreiros da civilização da Africa, que ao mesmo tempo vão prestar alevantados serviços á causa ultramarina de Portugal.

A' data das ultimas noticias de Angola, o snr. Padre Antunes, superior da missão de Huilla, ia partir para a Mullola dos Gambos, a fim de fundar ali uma nova missão, intitulada de *Santo Antonio*. O superior seria o sr. Padre Marques de Vizeu. Ficariam também prestando serviços na nova missão o snr. Padre Reymun e o irmão José Lopes. Iam também 11 rapazes da missão de Tyivinguiro para se estabelecerem junto da nova missão. Os rapazes, antes de partir, pediram em casamento raparigas da missão de Tyivinguiro, educadas pelas irmãs da missão de Tyivinguiro, educadas pelas irmãs da missão. Oito mezes depois, construídas já as casas e lavradas as terras, casarão, fundando-se assim definitivamente a aldeia christã annexa á missão de Santo Antonio de Gambos.

A expedição estava bem organizada. Sete wagons, cada um puxado por 20 bois, conduziram o material para a nova missão.

#### Irmandades e confrarias

Na *Revista do Fóro Portuguez* o sr. dr. José Correia Pacheco mostra

que os parochos devem ser presidentes ou juizes natos das irmandades e confrarias das igrejas matrizes.

O artigo termina:

«Actualmente andam invertidas as funcções. O ministro da religião administra as *coisas leigas da parochia*, e os homens ou confrades *leigos* administram as *coisas religiosas da fabrica dos templos*. Na junta, a presidencia do sacerdote exclue a presidencia dos *parochianos leigos*; nas irmandades e confrarias fabriqueiras, apesar de o seu fim ser religioso, a presidencia dos *leigos* exclue a presidencia dos ministros da religião!

A necessidade da reforma torna-se evidente, devendo ao menos fazer-se os parochos *presidentes ou juizes natos das irmandades e confrarias fabriqueiras* das igrejas matrizes.

#### Universidade catholica dos Estados-Unidos

Na Universidade catholica da capital dos Estados-Unidos realiso-se uma grande solemnidade, catholica e scientifica, por occasião da benção da Sala Mac-Mahon, que é destinada aos estudos philosophicos, ultimamente estabelecidos n'aquelle grande centro docente.

Uma comitiva, composta do cardeal Gibbons, Mgrs. Satolli, Corrigan, arcebispo de New-York, Jaussen, arcebispo de Nova Orleans, e d'outros muitos personagens eclesiasticos e seculares, partiu em procissão desde a escola de theologia até áquella sala.

Depois de benzida a sala pelo cardeal Gibbons, a comitiva reuniu-se na sala maxima da Universidade, onde, depois de Mgr. Keane, reitor da Universidade, pronunciaram eloquentissimos discursos Mgr. Satolli, delegado pontificio, e o Dr. Pace, decano da faculdade de philosophia.

Esta imponente solemnidade terminou com um magnifico discurso do cardeal Gibbons, que falou dos elevados

finis da Universidade e das esperanças que podem fundar-se no seu futuro.

#### Os estudantes de Barcelona

Grande numero de estudantes da universidade de Barcelona dirigiram ao Bispo d'aquella diocese a seguinte mensagem:

«Ex.<sup>mo</sup> snr. — Os interesses d'um partido politico, e talvez mais que isto a impiedade soprada pelas lojas mágicas, moveram certas multidões inimigas da ordem, especialmente da religiosa, a fazer manifestações contrarias ao Catholicismo, acompanhadas d'actos oppostos a toda a civilidade, entre os quaes se conta para maior opprobrio dos agitadores, o apedrejamento do Vosso Episcopal Palacio.

Doe-nos na alma, Ex.<sup>mo</sup> Snr., não só a offensa que se vos fez, mas também que ella haja sido attribuida aos estudantes d'esta universidade litteraria.

Bem conhece V. Ex.<sup>a</sup> por muitos factos verificados pela maioria dos escolares, os sentimentos catholicos que nos animam, e dos quaes fazemos frequente demonstração; mas não queremos deixar passar as actuaes circumstancias sem pôr novamente em relevo a nossa fé religiosa, apressando-nos a adherir a V. Ex.<sup>a</sup> e desejando seja completamente attendida a justa petição enviada aos poderes publicos para que o professor Odón de Buen, inimigo da Igreja, não occupe uma cadeira hespanhola que elle pretende fazer servir como lugar de propaganda impia.

Os abaixo assignados, alumnos de todas as faculdades e aulas especiaes d'esta Universidade, promettem fazer quanto possam por continuar na mesma tradição catholica; protestam contra o abominavel procedimento dos livres pensadores e ousam felicitar a V. Ex.<sup>a</sup> pela sua digna e levantada attitude, e lho beijam o pastoral anel, solicitando a sua benção.

(*Seguem as assignaturas.*)

Barcelona, 17 de outubro de 1895.

## O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 réis — Ilias. o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente  
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1500 réis — Estados da India, China, e America, 15280 réis, moeda portugueza —  
Numero avulso 100 réis.

**As assignaturas são pagas antecipadamente, por um ou pelo anno.**

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a  
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74 — PORTO.